

TESSITURAS DAS CORPOREIDADES INFANTIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

WEAVINGS OF CHILDREN'S CORPOREALITIES: AN EXPERIENCE REPORT

TRAMAS DE LAS CORPORALIDADES INFANTILES: UN RELATO DE EXPERIENCIA

Karoline dos Santos Nascimento¹

Resumo: O presente relato parte de uma experiência a partir de uma aula de Educação Física, em turma da Educação Infantil de um colégio da rede privada do Rio de Janeiro. Por meio de uma prática antirracista com espelho, livro e desenho, discutiu-se afrodiáspora e reconhecimento das características fenotípicas, considerando o caminho metodológico de pesquisa a partir dos/nos cotidianos. Tomando as corporeidades nesses espaços e os atravessamentos, a atividade foi feita a partir da fala de uma aluna. Propõe-se microações que fortaleçam corporeidades e um currículo plural e democrático.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Corporeidades. Educação Antirracista.

Abstract: This report stems from an experience during a Physical Education class with an early childhood education group at a private school in Rio de Janeiro. Through an antiracist practice using a mirror, a book, and drawing, Afro-diaspora and the recognition of phenotypic characteristics were discussed, following a methodological approach based on everyday practices. Considering corporealities and their intersections in these spaces, the activity was developed from a student's statement. Micro-actions are proposed to strengthen corporealities and promote a plural and democratic curriculum.

Keywords: School Physical Education. Corporealities. Antiracist Education.

Resumen: Este relato surge de una experiencia en una clase de Educación Física con un grupo de educación infantil en una escuela privada de Río de Janeiro. A través de una práctica antirracista con espejo, libro y dibujo, se debatieron la afrodiáspora y el reconocimiento de las características fenotípicas, siguiendo un enfoque metodológico basado en los cotidianos. Considerando las corporalidades y sus intersecciones en estos espacios, la actividad se desarrolló a partir del discurso de una alumna. Se proponen microacciones que fortalezcan las corporalidades y promuevan un currículo plural y democrático.

Palabras clave: Educación Física Escolar. Corporalidades. Educación Antirracista.

¹ Professora de Educação Física. Mestranda em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), bolsista CAPES. Orientanda da Prof^a Dr^a Rosa Malena de Araújo Carvalho. E-mail: karolnascimento@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3922-9226>. Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

1 INTRODUÇÃO

Aruandê, faca de matar! Aruandê!
(Rufino, 2021, p.?)

Este relato surge a partir das inquietações sobre os discursos hegemônicos, os quais enaltecem e favorecem a manutenção de padrões na Educação Física escolar, contribuindo para a invisibilização de alguns corpos. Considerar os atravessamentos que essas crianças têm em suas corporeidades, a partir do entendimento que esta consiste na relação entre os corpos e o mundo, tecendo as interações (Carvalho, 2017), é possível afirmar que as corporeidades afro-brasileiras têm sofrido apagamento ao longo da história, ao posicionar o corpo negro como inferior ao corpo branco.

Problematizar processos formativos é imprescindível para educar com e para todos os corpos, especialmente na Educação Infantil. A narrativa compartilha uma experiência docente e compreende os/nos cotidianos como entrelace de experiências, histórias e práticas pedagógicas.

A partir do supracitado, Souza (2021) discute como a redução de classe social a critérios financeiros desconsidera estruturas familiares e históricas, alimentando a meritocracia. O Brasil, marcado por colonialismo e desigualdades, mantém antagonismos que atravessam cultura e acesso.

Trazendo em sua abordagem ele nos revela que limitar a ideia de classe social somente a termos financeiros é desconsiderar toda a estrutura que existe por trás do indivíduo, tal como as relações familiares e as relações familiares de seus familiares antes dele. Desconsidera o contexto vivido em gerações associando somente a conseguir ou não algo, trazendo o amargo discurso da meritocracia

No Brasil, esse histórico repleto de antagonismos sociais, em que as classes populares estão sempre sendo esmagadas pela riqueza concentrada nas mãos de poucos que, em sua maioria, detém o poder e controle governamental. Esse antagonismo e essas riquezas não se trata somente de riquezas e acesso a ela.

Apesar do cenário supracitado, a educação vem lutando para se modificar de diversas formas, através de propostas libertárias com o intuito de reduzir, ainda que minimamente, o abismo existente entre a educação daqueles que estão em uma realidade antagônica de

privilégios. Ainda assim, propostas — inspiradas, por exemplo, em Paulo Freire — buscam recentrar o educando e transformar a realidade.

Nesse sentido, é impossível não trazer aqui o pacto da branquitude, enquanto acordo tácito de silenciamento (Bento, 2022), que reverbera nas corporeidades infantis e impacta autopercepção e autovalorização.

Torna-se urgente falar do que fortalece as corporeidades no cotidiano escolar, pois o não falar sobre algo que a sociedade quer encobrir, como algo que é “feito” para ser dito urge como necessário desde a Educação Infantil para fortalecimento de identidades.

A Educação Física, conforme o Coletivo de Autores (2012), é atravessada por cultura eurocêntrica hegemônica, reproduzida pelo capitalismo, que racializa e minoriza corpos considerados “fora do padrão”.

A racialização dos corpos foi dada como uma estrutura social para a constituição do país, quando se considerou que os corpos negros eram inferiores aos corpos brancos para justificar as maldades (Munanga, 1999).

Isso engendrado na sociedade brasileira, fez surgir urgências públicas para debater a pauta, como a criação das leis 10.639 e 11.645, de 2003 e 2008, respectivamente, que obrigam o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo oficial da rede de ensino do Brasil e que carregam consigo um caráter de reparação social e inclusão em suas especificidades.

Apesar de seu caráter reparador, tais leis ainda encontram resistências dentro das instituições educacionais, pois por mais de 20 anos da lei, ainda é possível perceber que o cenário educacional preconiza o hegemônico e não prioriza conteúdos que possam promover a emancipação cultural.

Como enfrentamento, microações (Jesus, 2011) evidenciam conflitos necessários no cotidiano — práticas antirracistas devem perpassar todo o currículo. Em diálogo, Butler (2018) defende alianças de corpos no enfrentamento de lógicas dominantes, articulando lutas contra racismo, homofobia, intolerância religiosa e injustiças sociais.

Butler (2018) evidencia o seu posicionamento sobre a aliança de corpos no enfrentamento à lógica dominante. Se a luta antirracista é árdua, por inúmeras razões, também é o combate a homofobia, a injustiça social, a intolerância religiosa, dentre tantas outras. Vale ressaltar que, no que tange a aliança dos corpos e movimentos inferiorizados, não significa

trazer à causa de modo que se destaque apenas um dos corpos ou movimentos, mas de forma conjunta levando-se em consideração as reivindicações relevantes aos que se unem em busca de respeito e valorização.

A interferência no cotidiano escolar, proposto por Jesus (2011), talvez possa ganhar vida para além das instituições educacionais, fazendo valer o direito de justiça e equidade social nos mais variados âmbitos sociais, profissionais e culturais.

2 A EXPERIÊNCIA PROPOSTA: UM ESPELHO EM MINHA NA AULA

A prática iniciou com a fala: “Tia, eu sou escurinha igual ao meu pai”. Em rede privada, onde o hegemônico se torna invisível, planejou-se atividade para percepção e valorização das corporeidades. Como disparador, apresentou-se o globo com destaque à África e questionou-se sua relação com o Brasil.

Uma das crianças em euforia gritou: “- Os escravos vieram de lá!” e, então, em roda iniciamos o diálogo sobre a escravidão, trazendo aspectos da cultura afro-brasileira.

Em seguida, após explanar detalhes da afrodíaspóra do país, foi feita a leitura do livro “A Cor de Coraline”, no qual em seu enredo uma criança branca solicita o lápis “cor de pele” à uma criança negra. Encerrada a leitura, um espelho passou por todos da roda para que pudessem enxergar as suas características e a primeira frase recebida é a que dá início a esse relato. História lida e observações no espelho feitas, as crianças receberam folhas para que desenhasssem como se identificam a partir do que viram no espelho.

Enquanto buscavam os lápis, foram observadas as cores que escolhiam. Uns mostravam o lápis e falavam “eu sou branco assim” e outros, diziam: “eu sou marrom”. Uma estudante disse ser “pretinha”, escolheu o lápis de cor preto e se sentou à mesa. Ao olhar suas colegas brancas ao redor, trocou pela cor vermelha e fez seu desenho então com essa cor. Questionada sobre o motivo da troca, ela disse que preferia ser vermelha. A partir desse momento identifica-se que havia nessa criança uma resistência no reconhecimento e aceitação de suas características. O diálogo prosseguiu orientando o reconhecimento positivo das características.

Ao analisar essa experiência, intensifica-se a urgência em trazer conteúdos que enaltecem e valorizam as características afro-brasileiras, a fim de educar para o reconhecimento da diferença, a partir das corporeidades presentes na escola.

Perceber que uma criança negra não se identifica como é, não se reconhece entre seus pares, dando preferência ao não reconhecimento de suas características fenotípicas demonstra-se doloroso e, possivelmente, pode reverberar por toda a extensão de sua vida com relação ao seu pertencimento e espaço no mundo.

Ao trazer essa narrativa docente e das questões imbricadas nas corporeidades infantis, reafirma-se que a luta antirracista é fundamental para a construção de um currículo que represente a diversidade sociocultural brasileira, alinhado aos princípios democráticos e de justiça social independente da disciplina, mas em especial a Educação Física Escolar, que age em prol do corpo e consideração das corporeidades dentro do espaço escolar.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE ALERTAM À PRÁTICA PEDAGÓGICA

Isto posto, é possível afirmar que o cenário sociocultural influencia autopercepções e corporeidades. Práticas pedagógicas insurgentes são necessárias para enfrentar discriminações reproduzidas socialmente e fortalecer pertença.

As manifestações corporais refletem experiências compartilhadas. Rejeições ao autorreconhecimento evidenciam urgência de práticas antirracistas transdisciplinares que considerem interseccionalidades.

Recomenda-se desenvolver práticas que contemplem a Lei 10.639/2003 e proponham microações contínuas na escola, consolidando um currículo plural, democrático e comprometido com a justiça social.

4 REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.
- CARVALHO, Rosa Malena. A cultura corporal como concepção que organiza a educação física e caracteriza o escolar. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 254–268, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JESUS, Regina de Fátima de. Microações afirmativas: possibilidades de superação da desigualdade étnico-racial nos cotidianos escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. Anais... Vitória: SBHE, 2011. v. 1, p. 1–14.
- Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *lôcus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

BRASIL. **Leis n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a LDB para incluir a temática da história e cultura afro-brasileira e indígena.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade, etnia e política.** Petrópolis: **Vozes**, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Metodologia do ensino da educação física.** Petrópolis: Vozes, 1992.

